

FICHA TÉCNICA

Direção editorial: Carlos Alves
Vice-Presidente da CMAV
Redação e edição: Jorge Lopes
Revisão: Ana Correia
Composição: Cláudia Jaleco, CMAV
Tiragem: 12 500 exemplares
Depósito Legal: 394 399/15
Edição n.º 7

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Paginação inspirada na edição n.º 1 do Diário de Notícias de 29 de dezembro de 1864

MERCADO OITOCENTISTA ARRUDA DOS VINHOS

2, 3 e 4 JUNHO 2023

Propriedade: Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos

1823

(MDCCCXXXIII),

É um comum do século XIX do atual Calendário Gregoriano, da Era de Cristo. Teve início e fim a uma quarta-feira (1 de janeiro e 31 de dezembro).

EDITORIAL

A história e a tradição são extremamente importantes para a compreensão e preservação da cultura e da identidade de um povo.

A tradição conecta-nos com o passado e ajuda-nos a entender as práticas, valores e crenças que foram transmitidos de geração em geração. Através da preservação desta podemos manter vivas as raízes culturais e aprofundar a compreensão da história e da sociedade em que vivemos.

Ambas ajudam a definir quem somos como indivíduos e como membros de uma comunidade mais ampla, concedendo uma dimensão de pertença e continuidade com o passado.

O Mercado Oitocentista de Arruda dos Vinhos retrata um período marcado por revoluções políticas e sociais significativas e pelo surgimento de importantes movimentos artísticos e literários que influen-

ciaram profundamente a história da humanidade até aos dias de hoje. Tem desde a génese privilegiado a tradição, os usos e costumes, as mesinhas, o património, etnografia, história das gentes locais e de todos aqueles que ao longo dos tempos têm feito do concelho uma passagem incontornável e nele firmado residência.

O Mercado Oitocentista é um espaço privilegiado para a família e para a comunidade a quem é dada a primeira e última palavra. Uma das principais razões para esta aposta é o fortalecimento do sentido de comunhão e conexão, promovendo, simultaneamente, a diversidade e a inclusão. Devido à multiplicidade de origens, culturas e perspetivas que reúne o mercado oitocentista de Arruda dos Vinhos é um passo importante no desafiante caminho que conduz à compreensão mútua e à aceitação da diferença.

É, também, por isso um momento fulcral e uma data incontornável do ano. Uma refe-

rência no panorama dos eventos nacionais. Se a edição anterior, ainda com a pandemia no horizonte, foi de retoma em 2023 a continuidade dá, também, lugar a novas propostas.

Marionetas, animação teatral e musical, contos e lendas, ilusões abstratas, baile, ladainha da bruxa e partilha da Encharcada (que ganha propriedades de autêntica poção mística) e muito mais. Que é como quem diz há festa garantida. Uma verdadeira máquina do tempo que, aliás, voltará a marcar presença. Música com curadoria renovada como novidade. A rua como no século XIX é o epicentro do comércio e da cultura. Montra dinâmica da produção endógena. Mais eventos, mais momentos inigualáveis, a alegria de sempre.

Gentes da terra e forasteiros o convite está feito. O Mercado Oitocentista de Arruda dos Vinhos espera-os. Venham construir memórias através da partilha de um passado comum.



Uma experiência única de imersão na cultura do século XIX, com ricas e interessantes atrações para toda a família. Num vale encantado que, reconhecidamente, sabe receber bem quem o visita com um espírito comunitário contagiante.

Junte-se a nós no Mercado Oitocentista de Arruda dos Vinhos e faça uma inesquecível viagem no tempo!

Carlos Alves, Vice-Presidente da Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos


Casada Alegria

Estrutura Residencial para Idosos

Cardosas - Arruda dos Vinhos



Confeitaria Flamingo, Lda

**Bruxas
d'Arruda**



*Doce Regional de Arruda dos Vinhos
desde 1995*



Distribuído por:

**Loja Garrafeira®
Gifts**

Rua Cândido dos Reis, 74
2630-233 ARRUDA DOS VINHOS
Telefone: 263098118

ABERTURA DO MERCADO OITOCENTISTA

Sexta-feira, dia 2 de junho, às 20h00
No Chafariz de Arruda dos Vinhos



INFANTE D. MIGUEL DE PORTUGAL LIDERA INSURREIÇÃO: A VILAFRANCADA

Desde o ano de 1821 que o clima político e social do nosso país se encontra em sobressalto. Este sobressalto deve-se à guerra de poder que atinge hoje o nosso país. As disputas entre liberais e absolutistas acentuaram-se com o regresso de D. João VI e suas cortes do Brasil. Esta instabilidade e disputa constitucional que dura desde 1821, traduz-se em vários atos de terrorismo contrarrevolucionário que tem acontecido um pouco por todo o País – assaltos, roubos, fogos postos, ameaças de morte e até homicídios. Em abril de 1822, foi descoberta e abortada uma conspiração antiliberal que pretendia dissolver as Cortes, depor o rei e colocar no trono o seu filho mais novo, o infante D. Miguel, um absolutista convicto.

Em novembro de 1822, foi retirado pelo governo à rainha D. Carlota Joaquina todos os direitos civis e políticos, inerentes tanto à qualidade de cidadã como à dignidade de rainha, e condenada a abandonar de imediato o território português, por se ter negado a jurar a nova Constituição. No entanto, graças a um parecer médico, acabou apenas por lhe ser fixada residência na Quinta do Ramalhão, em Sintra.

É este o clima político que se vive neste ano de 1823. O jovem regime liberal e os seus órgãos de poder funcionam assim regularmente, mas a resistência absolutista vai ganhando força e ousadia e é uma ameaça cada vez mais real.

O contexto político-ideológico internacional não está a ser favorável à nova constituição vigente em Portugal. No dia 23, deu-se uma revolta antiliberal em Vila Real, liderada pelo 2.º conde de Amarante, sobrinho do brigadeiro António da Silveira, afastado no rescaldo da Martinhada. O Governo enviou uma força militar de 6000 homens, a qual, após derrota na primeira batalha, a 13 de março, conseguiu vencer os revoltosos no dia 27 de março, forçando o conde e parte das suas tropas a abalarem para Espanha. Estes acontecimentos

surgem, provavelmente, na resistência absolutista que se mantém pela Europa. Neste ano de 1823, foi aprovada uma intervenção militar francesa em Espanha, que recolocou no trono o rei absolutista Fernando VII.

Nesta agitação revoltosa levada a cabo pela facção absolutista, durante a madrugada do dia 27 de maio deste ano de 1823, o brigadeiro José de Sousa Pereira e Sampaio, à frente do Regimento 23 de Infantaria, desobedeceu às ordens de marchar para a Beira e dirigiu-se para Vila Franca de Xira, onde não tardaram a instalar-se, também, tropas de outros regimentos sublevados. Provavelmente sob as orientações de D. Carlota Joaquina, D. Miguel, acompanhado por um esquadrão do Regimento 2 de Cavalaria, juntou-se aos revoltosos em Vila Franca, e, de lá, enviou uma carta ao rei, justificando-lhe a posição que tomara: «[...] não podendo ver por mais tempo o abatimento do Trono contra a vontade de todo o Reino, tomei um partido que Vossa Majestade não pode desaprovar. Nós devemos conservar ílesa a majestade real; é um depósito que nos é confiado. Só pretendo servir a Vossa Majestade, como rei e como pai, e libertar a Nação». O infante mandou também afixar nas ruas da localidade uma proclamação aos portugueses, na qual, depois de atribuir à Revolução Liberal a culpa por todos os «males nacionais», lhes pedia apoio, em nome da «causa da religião, da realeza e de vós todos», para restituir ao rei a liberdade e a autoridade, de maneira que este pudesse outorgar uma nova Constituição, «tão alheia do despotismo como da licença» e reconciliadora da «Nação consigo mesmo e com a Europa civilizada». Foram dados vivas à monarquia absoluta.

No final do mês, porém, D. João VI decidiu tomar a direção da revolta, encorajado pelo levantamento do Regimento de Infantaria 18, que viera ao Palácio da Bemposta dar-lhe vivas como rei absoluto; partindo para Vila Franca, obrigou o infante rebelde a submeter-se-lhe e regressou a Lisboa em



SUA ALTEZA REAL O SERENÍSSIMO
Senhor Infante Dom Miguel
Comandante em Chefe do Exército
DEDICADA A EL REI NOSSO SENHOR.
Dom Miguel, Lisboa, na Impressão de Alcobia, 1823, gravura. Fonte: BNP.



CONTOS NO MORGADO

Na Sala Jardim do Palácio do Morgado, contaremos histórias de encantar...

Destinado a toda a gente, incluindo as crianças...

Sexta-feira, dia 2 de junho, às 21h30

Sábado, dia 3 de junho, às 19h00

Domingo, dia 4 de junho, às 17h00

triufo. As cortes dispersaram-se, vários políticos liberais partiram para o exílio e foi restaurado o regime absolutista, mas D. João VI logrou impedir a ascensão ao poder do partido ultra-reaccionário e manter a sua posição determinante no xadrez político.

FONTE: <https://www.parlamento.pt/Parlamento/Paginas/A-Vilafrancada.aspx>



FOI NOMEADO O 3.º GOVERNO DO VINTISMO

Foi nomeado a 28 de maio o 3.º governo do Vintismo, e foi exonerado a 1 de junho de 1823, no contexto das convulsões políticas da Vilafrancada.

O 3.º governo do Vintismo foi inicialmente liderado por José António Faria de Carvalho, na qualidade de Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Reino, tendo este sido substituído por Marciano de Azevedo quando desertou (juntamente com os ministros da Guerra e dos Negócios Estrangeiros, José Maria das Neves Costa e Hermano José Braamcamp do Sobral) para o lado de D. Miguel em Santarém.

O Vintismo é a designação genérica dada à situação política que dominou Portugal entre agosto de 1820 e abril de 1823, caracterizada pelo radicalismo das soluções liberais e pelo predomínio político das Cortes Constituintes, fortemente influenciadas pela Constituição Espanhola de Cádiz. O Vintismo iniciou-se com o pronunciamento militar do Porto de 24 de agosto de 1820, que conduziu à formação da Junta Provisional do Governo Supremo do Reino presidida pelo brigadeiro António da Silveira Pinto da Fonseca, e terminou com a Vilafrancada, a 27 de maio de 1823, que levou à abolição da Constituição Política da Monarquia Portuguesa de 1822 e ao restabelecimento do absolutismo.

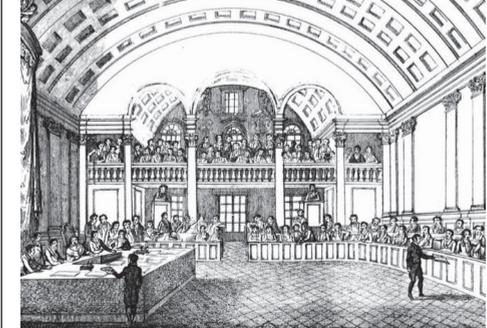
FONTE: <https://app.parlamento.pt/comunicar/V1/202006/64/artigos/art7.html>

FOI CRIADA NO DIA 3 DE MAIO DE 1823 A PRIMEIRA ASSEMBLEIA CONSTITUINTE DO BRASIL APÓS INDEPENDÊNCIA

No dia 3 de maio de 1823, a Assembleia Geral Constituinte e Legislativa do Império do Brasil iniciou sua legislatura com o designio de realizar a primeira constituição política do novo país.

Pedro I discursou para os deputados reunidos, deixando clara a razão de ter afirmado durante sua coroação no final do ano anterior que a constituição deveria ser digna do Brasil e de si:

“Como Imperador Constitucional, e mui especialmente como Defensor Perpétuo deste Império, disse ao povo no dia 1 de dezembro do ano próximo passado, em que fui coroado e sagrado - que com a minha espada defenderia a Pátria, Nação e a Constituição, se fosse digna do Brasil e de mim..., uma Constituição em que os três poderes sejam bem divididos... uma Constituição que, pondo barreiras inacessíveis ao despotismo quer real, aristocrático, quer democrático, afugente a anarquia e plante a árvore da liberdade a cuja sombra deve crescer a união, tranquilidade e independência deste Império, que será o assombro do mundo novo e velho.



Interior da Cadeia Velha, que abrigou a Constituinte de 1823 e onde funcionou posteriormente a Câmara dos Deputados. Fonte: Agência Câmara de Notícias.

Todas as Constituições, que à maneira de 1791 e 1792 têm estabelecido suas bases, e se têm querido organizar, a experiência nos tem mostrado que são totalmente teóricas e metafísicas, e por isso inexecutáveis: assim o prova a França, a Espanha e, ultimamente, Portugal. Elas não têm feito, como deviam, a felicidade geral, mas sim, depois de uma licenciosa liberdade, vemos que em uns países já aparecem, e em outros ainda não tarda a aparecer, o despotismo em um, depois de ter sido exercido por muitos, sendo consequência necessária ficarem os povos reduzidos à triste situação de presenciarem e sofrerem todos os horrores da anarquia.”

Pedro I lembrou também aos deputados no seu discurso que a constituição deveria impedir eventuais abusos, não apenas por parte do próprio monarca, mas também por parte da classe política e da própria população. Para tal, seria necessário evitar implantar no país leis que, na prática, seriam desrespeitadas. A assembleia num primeiro momento prontificou-se a aceitar o pedido do imperador, mas alguns deputados sentiram-se incomodados com o discurso de Pedro I.

BIBLIOGRAFIA: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O Brasil Monárquico: o processo de emancipação*. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1976, p. 184.



D. PEDRO I DISSOLVE A ASSEMBLEIA CONSTITUINTE DO BRASIL SEIS MESES APÓS A SUA CONSTITUIÇÃO

Após seis meses da sua primeira sessão, a Assembleia Constituinte foi dissolvida. Na madrugada de 12 de novembro de 1823, durante a chamada “noite da agonia”. D. Pedro I mandou o Exército invadir o plenário da Assembleia Constituinte, antes que pudesse concluir os debates e a deliberação sobre o projeto de Constituição que estava a elaborar. Os deputados não resistiram, não tendo conseguido evitar a dissolução da Assembleia. Vários deputados foram presos e deportados, entre eles os irmãos Andradas, José Bonifácio (o Patriarca da Independência), Martim Francisco e Antônio Carlos.

No documento assinado pelo Imperador e seus conselheiros em 13 de novembro de 1823, adotou-se, além da expatriação de ex-



Pedro I do Brasil, retrato pintado por Simplicio Rodrigues de Sá - Museu Imperial de Petrópolis. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pedro_I_do_Brasil#/media/Ficheiro:DpedroI-brasil-full.jpg.

-deputados, outras medidas repressivas — quais sejam, a vigilância policial sigilosa em locais de reunião e a prisão de quem se envolvesse em discussões públicas.

Quando da dissolução da Assembleia Constituinte, D. Pedro I afirmou que convocaria outra, “que deverá trabalhar sobre o projeto da constituição, que Eu lhe hei de breve apresentar, que será duplicadamente mais liberal do que a extinta Assembleia acabou de fazer”, disse o Imperador. Como mencionado, o compromisso não se tornou efetivo.

BIBLIOGRAFIA: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O Brasil Monárquico: o processo de emancipação*. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1976, p. 184.



MAIS UMA NOVA DESCOBERTA CIENTÍFICA: JACOB BERZELIUS ISOLA O ELEMENTO QUÍMICO SILÍCIO

O químico e investigador sueco Jöns Jacob Berzelius também conhecido como “o pai da química sueca”, em 1823, preparou silício amorfo empregando um método similar ao de Gay-Lussac, purificando depois o produto obtido com lavagens sucessivas até isolar o elemento. Em 1811 Joseph-Louis Gay-Lussac e Louis Jacques Thénard prepararam silício amorfo impuro aquecendo potássio com tetracloreto de silício.



BAILE DE BOAS-VINDAS AOS FORASTEIROS

Vamos dançar, pular e divertirmo-nos com as modas da época com o Rancho Folclórico Podas e Vindimas de Arruda dos Vinhos.

Sexta-feira, dia 2 de junho, às 22h00

No largo do Chafariz



Jöns Jacob Berzelius from Svenska Familj-Journalen 1873. Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:F%C3%B6ns_Jacob_Berzelius_from_Familj-Journalen1873.png#file.

Jacob Berzelius é um dos fundadores da química moderna, formulando alguns dos seus conceitos fundamentais. Estudou medicina na Universidade de Uppsala e foi professor de medicina, farmácia e botânica no Instituto Karolinska de Estocolmo. Estuda e descreve vários elementos químicos até agora desconhecidos: o cério em 1803 e o selênio em 1817.

O silício, do latim *silex*, sílica, foi identificado pela primeira vez por Antoine Lavoisier em 1787 e posteriormente considerado como elemento por Humphry Davy em 1800.

FONTE: Jöns Jakob Berzelius. - Infopédia. Consultado em 27 de outubro de 2021. Químico sueco, um dos fundadores da química moderna

MORRERAM OS OFICIAIS DO EXÉRCITO FRANCÊS DUMOURIEZ E LOUIS NICHOLAS DAVOUT

Charles François du Périer, conhecido como Dumouriez, (nascido em Cambrai em França no dia 26 de janeiro de 1739 e falecido em Turville Park, Buckinghamshire, no Reino Unido a 14 de março de 1823), foi um general francês, vencedor da batalha de Valmy, no norte de França, contra os prussianos a 20 de setembro de 1792, juntamente com o general François-Étienne Kellermann. Conquistou a Bélgica e defendeu a ideia de uma república belga independente, opondo-se, assim à Convenção ou Convenção Nacional (o regime político que vigorou na França entre 20 de setembro de 1792 e 26 de outubro de 1795, no processo da Revolução Francesa). Posteriormente destituído do comando, passou a servir os inimigos da França a soldo dos ingleses.

Escreveu o livro *État présent du Royaume du Portugal en l'année MDC-CLXVI* (Lausanne: Chez François Grasset et Comp., 1775), enquanto espião particular do rei Luís XV de França. Foi um dos muitos aventureiros que realizavam missões de informação e de diplomacia paralela para o rei francês, e que eram por isso conhecidos pelo nome genérico de *Cabinet Noir ou Secret du Roi*.

O livro é um importante panorama de Portugal no século XVIII, descrevendo sua geografia, suas colônias (pp 57–101), o seu



Papelaria Cinderela

RUA CÂNDIDO DOS REIS
GALERIAS DA VILLA LOJA 15
ARRUDA DOS VINHOS
TEL. 263975135





MUITA MÚSICA COM OS GAITEIROS DUMTRAGO

Dias 2 a 4 de junho
Pelas ruas do Mercado



Charles François Dumouriez. Gravura de Jean Sébastien Rouillard. Fonte: http://www.all-posters.com/gallery.asp?startat=/getPoster.asp&CID=0DD42B729C7F4CC1AB725C83B2C0C36E&frameSku=6246528_4986654-424577



Louis Nicholas Davout. Fonte: <http://perso.club-internet.fr/ameliefre/E-Davout.html>

exército, os costumes de seus habitantes bem como sua organização política e social. Nas páginas 172 e 173, aparece uma referência às touradas portuguesas.

Louis Nicholas Davout, Duque de Auerstaedt e príncipe de Eckmühl, marechal francês, nasceu em Annoux no ano de 1770 e faleceu em Paris em 1823. A sua carreira no exército iniciou-se com a sua entrada na escola de Brienne, como segundo-tenente aos 15 anos e tornou-se general aos 27 anos. Serviu em todas as campanhas da Revolução e também no Egito, ao serviço de Napoleão Bonaparte.

Comandou a ala direita na Batalha de Austerlitz, segurou tropas prussianas na Batalha de Jena-Auerstedt e destacou-se na Batalha de Wagram. Teve também papel decisivo na Batalha de Eckmühl. Foi o único marechal invicto do Primeiro Império Francês. Foi Ministro da Guerra durante o Governo dos Cem Dias.

BIBLIOGRAFIA: Revista Grandes Guerras, Guerras Napoleônicas, set. 2005; Editora Abril; Grande Enciclopédia Larousse-Cultural, capítulo 8; Editora Nova Cultural

FOI NOMEADO O 1.º GOVERNO DO REGIME JOANINO PRESIDIDO PELO CONDE DE SUBSERRA MANUEL INÁCIO MARTINS PAMPLONA CORTE REAL

Foi nomeado a 1 de junho de 1823 o 1.º governo do Regime Joanino, presidido por Manuel Inácio Martins Pamplona Corte Real, elevado à condição de Conde de Suberra ao iniciar funções, na qualidade de Ministro Assistente ao Despacho.

Manuel Inácio Martins Pamplona Corte Real nasceu nos Açores, em Angra, a 8 de maio de 1762. Tem o título de 1.º barão de Pamplona em França e 1.º conde de Suberra em Portugal. É bacharel em Matemáticas pela Universidade de Coimbra, oficial



Manuel Inácio Martins Pamplona Corte Real, Conde de Suberra. Fonte: BPN - <https://purl.pt/13357/1/index.html#/1>

general e político da tendência pró-francesa da fase inicial do vintismo. Lutou na Crimeia e Bessarábia integrado no exército russo, fez parte das forças aliadas que tomaram Valenciennes em 1793, participou na campanha do Rossilhão e mais tarde, como oficial general da Legião Portuguesa, nas campanhas de Napoleão Bonaparte contra Portugal, a Áustria e a Rússia.

Foi condenado à morte por colaboracionismo em 1811, mas depois amnistiado em 1821, ainda assim após o termo da guerra, entre muitas outras funções, foi deputado às Cortes Constituintes de 1820, ministro de várias pastas e agora Ministro Assistente ao Despacho. Foi elevado à condição de par do Reino e gentil-homem da câmara de D. João VI e feito conde de Suberra em 1823, membro do Conselho de Estado e embaixador em Madrid. Antes deste percurso político notável foi militar, nos exércitos português, russo e francês, tendo atingido o generalato em Portugal e em França.

FONTE: Maltez, José Adelino. «Governo de Palmela/Suberra (1823-1825)». Politipédia — Repertório Português de Ciência Política. Observatório Político. Consultado em 22 de abril de 2023.

QUEM FOI O PAPA PIO VII?

Faleceu a 20 agosto de 1823 o Papa Pio VII, aos 81 anos de idade. Desde os seus 80 anos que a sua saúde estava a degradar-se e veio-se a agravar com a fratura da anca, quando caiu nos seus aposentos a 6 de julho de 1823, tendo ficado acamado.

Pio VII, com nome de batismo de Barnaba Niccolò Maria Luigi Chiaramonti, era de nacionalidade italiana e foi Papa desde 14 de março de 1800 até a data da sua morte. Era Monge Beneditino, tendo tomado o nome de *Dom Gregório Chiaramonti*. Nasceu em

Cesena a 14 de agosto de 1742 e faleceu este ano (1823) no Vaticano. Foi enterrado brevemente nas grutas do Vaticano, mas depois foi enterrado em um monumento na Basílica de São Pedro após seu funeral em 25 de agosto.

Barnaba Niccolò Maria Luigi Chiaramonti era o filho mais novo do conde Scipione Chiaramonti e de Giovanna Coronata, filha do marquês Ghini.

Tal como os seus irmãos, Pio VII frequentou o Collegio dei Nobili em Ravenna, mas decidiu ingressar na Ordem de São Bento aos 14 anos, em 2 de outubro de 1756, como noviço na Abadia de Santa Maria del Monte, em Cesena. Dois anos depois, em 20 de agosto de 1758, tornou-se um membro professo e assumiu o nome de Gregório. Ensinou em faculdades beneditinas em Parma e Roma, e foi ordenado um sacerdote em 21 de setembro de 1765.

Após a morte do Papa Pio VI em 1799, Chiaramonti foi eleito papa a 14 de março de 1800 e adotou como seu nome pontifício Pio VII em homenagem ao seu antecessor imediato. Chiaramonti foi proposto por Jean-Sifrein Maury, após vários meses de impasse, como candidato a assumir a liderança da igreja Católica. Assumiu as funções papais a 21 de março numa cerimônia bastante incomum, usando uma tiara papel-machê enquanto os franceses haviam apreendido as tiaras seguradas pela Santa Sé ao ocupar Roma e forçar Pio VII ao exílio.

Pio VII e o Napoleão Bonaparte tinham uma relação de permanente conflito. Pio VII queria a sua própria libertação do exílio, bem como o retorno dos Estados Papais e, mais tarde, a libertação dos 13 “Cardeais Negros”, ou seja, os Cardeais, incluindo Consalvi, que desprezaram o casamento de Napoleão com a Princesa Marie Louise, acreditando que o seu casamento anterior

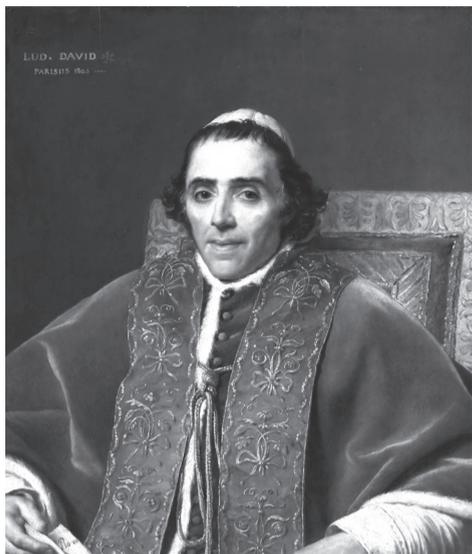


A ENCHARCADA ARRUDENSE

Os arrudenses são um povo forte, rijo, determinado e acolhedor e desta terra abundante, generosa e bela que se forjou o caráter dos Arrudenses de hoje. Mas não foi sempre assim, o povo arrudense resistiu e atravessou tempos sinuosos em que, aqui, se viveram tragédias do inferno, desgraças inimagináveis, guerras, tormentas, isolamento e fome.

A ENCHARCADA, quando bem confeccionada, trava imediatamente os males de que o país padece, sendo que é decretado por lei e é obrigatório que toda a gente sem exceção, tomem a ENCHARCADA!

Venha exorcizar os seus males, todos os males, **no sábado dia 3 de junho, a partir das 23h30, no largo do Chafariz**. Irá ser distribuída a ENCHARCADA a quem tiver caneca do Mercado Oitocentista, que estará à venda no espaço da Câmara Municipal ou nas tabernas.



Por Jacques-Louis David - gallerix.org, Domínio público, <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=150023>

ainda era válido, e havia sido exilado e empobrecido em consequência de sua posição juntamente com vários prelados, padres, monges, freiras e outros apoiantes exilados ou presos.

A 7 de março de 1801, publicou o breve "Catholicae fidei" que aprovava a existência da Companhia de Jesus na Rússia e nomeou Franciszek Kareu como primeiro superior geral da ordem. Este foi o primeiro passo na restauração da ordem. Em 31 de julho de 1814, assinou a bula papal *Sollicitudo omnium ecclesiarum*, que restaurou universalmente a Companhia de Jesus, tendo nomeado Tadeusz Brzozowski como Superior Geral da ordem.

Pio VII aderiu à declaração do Congresso de Viena de 1815, representada pelo cardeal Secretário de Estado Ercole Consalvi, e pediu a supressão do tráfico de escravos, principalmente em reinos como Espanha e Portugal, onde a escravidão era economicamente muito importante. O papa escreveu uma carta ao rei Luís XVIII de França de 20 de setembro de 1814 e ao rei João VI de Portugal em 1823 para incentivar o fim da escravidão. Na carta dirigida ao rei de Portugal escreveu: "o papa lamenta que esse comércio de negros, que ele acreditava ter cessado, ainda seja exercido em algumas regiões e de maneira ainda mais cruel. Ele implora e implora ao rei de Portugal que implementar toda a sua autoridade

e sabedoria para extirpar essa vergonha profana e abominável".

A Pio VII também está associada um possível milagre que aconteceu no dia 15 de agosto de 1811. Diz-se que o papa celebrou a missa de dia de Assunção de Nossa Senhora ao céu e foi dito que, entrou em transe e começou a levitar de uma maneira que o atraiu para o altar. Esse episódio em particular despertou grande espanto e admiração entre os que assistiam à missa, onde estavam os soldados franceses que o vigiavam, incrédulos com o que ocorrera.

BIBLIOGRAFIA: «Pius VII». Encyclopædia.com. 2004. Consultado em 23 de abril de 2023.



QUADRO VIVO

Uma peça de teatro baseada na história de Arruda e do Palácio do Morgado e da sua família.

Parte I - Sexta, dia 2 de junho, às 23h00

Parte II - Sábado, dia 3 de junho, às 22h00

No pátio do Palácio do Morgado



TRUPE DO CAVALO DE PAU

A Trupe do Cavalos de Pau chega à vila em dia de festa. Na bagagem um sem número de estórias e trovas que encantam e espantam quem os vê e ouve, mais a arte do fabrico de máscaras e vestimentas e demais adereços. Da comédia à tragédia, do escárnio ao bem-dizer, das lendas aos relatos das pias vidas de santos, são incontáveis os arremedilhos que fazem parte do rol das aventuras que a afamada trupe tem para contar até ao cair do pano.

Dias 2, 3 e 4 de junho

Durante o horário e pelo recinto do

Mercado



TEATRO DE MARIONETAS "O GIGANTE"

Este espetáculo é uma incursão às lendas da nossa terra.

sábado, dia 3 junho às 18h00

domingo, dia 4 de junho às 18h30

Jardim do Palácio do Morgado

UM POUCO DA HISTÓRIA DA NOSSA TERRA...

ESTE ESPAÇO NO NOSSO JORNAL DEDICA-SE A CONTAR A HISTÓRIA DA NOSSA TERRA

ARRUDA DOS VINHOS NA PRIMEIRA LINHA DE DEFESA DA CIDADE DE LISBOA

No atual território de Arruda dos Vinhos foram construídas três fortificações que fazem parte da primeira linha de defesa, uma linha mais avançada de primeiro contato com o inimigo: O Forte do Cego (Obra Militar n.º 9), o Forte da Carvalha (Obra Militar n.º 10), pertencentes ao 1.º Distrito da 1.ª linha de defesa e o Forte do Paço (Obra Militar n.º 12), pertencente ao 2.º Distrito da 1.ª linha.

Também fazem parte deste património concelhio troços que integram a rede de estradas militares, que liga todas as fortificações da 1.ª e 2.ª linha. As redes de estradas militares assumem importância no funcionamento do sistema das Linhas de Torres, pois a mobilidade e a rapidez na mobilidade eram importantes, quer na troca de ordens e mensagens emitidas pelos oficiais, quer na movimentação das tropas no terreno.

No território de Arruda dos Vinhos existe evidências de troços de estrada militar, de construção provavelmente muito anterior à construção das Linhas de Torres, no caso dos troços principais. É o caso do troço Estrada Ajuda/Bucelas que segue a par da Serra de Alrota em direção a Bucelas (Concelho de Loures). Localiza-se próxima da localidade de Nossa Senhora da Ajuda (Freguesia de Arranhó), no sopé da plataforma onde estão localizados os Fortes da Ajuda. Parte do troço encontra-se na freguesia de

Arranhó e outra parte na freguesia de S. Tiago dos Velhos.

No seu conjunto as fortificações das Linhas de Torres caracterizam-se por uma arquitetura poligonal circundada por um fosso seco na sua totalidade ou nos locais de maior facilidade de acesso.

O General Wellington, oficial britânico que comandou o exército luso-britânico na resistência aos franceses em território português em 1807-1808 (1.ª Invasão) e 1809 (2.ª Invasão), após as invasões e prevendo uma nova invasão francesa, organiza a defesa da cidade de Lisboa através de um conjunto de fortificações em torno da capital, aproveitando e reforçando os obstáculos naturais do terreno, recuperando o estudo (levantamento topográfico) efetuado alguns anos antes pelo oficial português José Maria das Neves Costa.

Estas fortificações militares estão simbioticamente entrosadas com a paisagem da Baixa Estremadura, contemplando a topografia do território onde os cumes de maior altitude ou de melhor visibilidade da paisagem tornam-se em locais estratégicos, dominando os vales e as principais estradas transitáveis que à época faziam o acesso à capital.

A estratégia projetada por Wellington para a defesa da cidade de Lisboa teve em consideração uma estratégia direcionada a várias frentes, nomeadamente, a proteção da costa Atlântica e do estuário do Tejo, e acautelar as principais vias de comunicação terrestres na altura: a estrada que cruza a margem do Tejo e que atravessava Vila Franca, Alhandra e Sacavém; as estradas vindas do Sobral de Monte Agraço, Arruda



EMAV

Escola de Música de Arruda dos Vinhos
Prof. Paulo Vicente

Rua João de Deus - n.º 01 r/c - Loja J
2630-247 Arruda dos Vinhos
919267038 - 917592642 - paulovicente40@gmail.com

dos Vinhos, Torres Vedras e Mafra, que obrigatoriamente tinham que transpor os desfiladeiros de Serves e de Montachique.

Assim, com o objetivo de proteger a capital da 3.^a Invasão Francesa, foi construído a norte de Lisboa um sistema defensivo organizado essencialmente em duas Linhas Defensivas, a 1.^a e a 2.^a Linha, que correspondem a cerca de centena e meia de obras militares que ligavam o oceano Atlântico ao Rio Tejo, e que se localizam nos territórios municipais de Vila Franca de Xira, Loures, Arruda dos Vinhos, Sobral de Monte Agraço, Torres Vedras e Mafra. Foram também edificadas outras duas Linhas de menor dimensão, a Linha de Oeiras, a 3.^a linha, e sul do Tejo a Linha dos Altos de Almada, a 4.^a linha, com o objetivo de garantir o embarque seguro das forças militares inglesas.

Este conjunto de fortificações que constituem este sistema defensivo, são consideradas como um dos marcos da arquitetura e estratégia militares da história europeia.



SABIA QUE....

No ano de 1811 foi realizado um inquérito às paróquias sobre os estragos causados pelas Invasões Francesas nas respetivas paróquias e freguesias. Os párocos locais dão conta de apropriações de bens dos habitantes, saques e destruição de igrejas e capelas (algumas destas foram transformadas em arrecadações de material de guerra e de mantimentos). Nas descrições dos párocos, nas freguesias de Arranhó e S. Tiago dos Velhos é atribuída a responsabilidade aos ingleses e na freguesia de Cardosas aos Franceses, aquando da passagem e curta estadia por Arruda.



A CASA DA CÂMARA

O edifício dos “Paços do Concelho” ou a “Casa da Câmara”, localiza-se na rua do Adro, a 20 metros a Norte da Igreja de Nossa Senhora da Salvação, no núcleo urbano da Vila de Arruda dos Vinhos, no núcleo urbano da Freguesia de Arruda dos Vinhos.

Este edifício albergou a administração do concelho durante 367 anos, tendo sofrido diversas alterações ao longo dos tempos.

O edifício é constituído por três pisos (rés do chão, primeiro andar e sótão) e uma torre com relógio onde se encontra um sino no seu topo. O sino, datado do século XVI, poderá indicar que este edifício já teria uma utilização administrativa nesta época (serviços camarários e de justiça). O sino feito em bronze tem gravado em relevo o brasão da Vila de Arruda e por baixo pode ler-se: “ORDENARAM DE FAZER ESTE CINO HO L.DO AMT.º / D'ALM.DA JVIS DE FORA ESTA VILA D'ARRVDA E P.º DE ROMA / E RVI DE CARVALHO E MARTIM FRZ. VEREADORES E FERNÁ D'ALVAREZ. P.DOR C.º. 1561” (“Mandaram fazer este sino (um nome ilegível), juiz de fora em esta Vila de Arruda e Rui Carvalho



e Martim Fernandes, vereadores, em 1561”). Nesta época, para além dos paços do concelho, a vila tinha cadeia, força e pelourinho, sendo que a cadeia funcionaria no piso inferior do edifício dos paços do concelho, onde ainda hoje se preserva a o gradeamento da porta da cela.

No exterior, a entrada principal do edifício, virada para a lateral e torre da Igreja de Nossa Senhora da Salvação (Rua do Adro), é rodeada por uma pequena praça a fechar o gaveto. Esta praça, de calçada miúda/média de vidro preto e branco fazendo um padrão xadrez, é ainda hoje um ponto de encontro e de realização de eventos de carácter cultural e popular.

BIBLIOGRAFIA: LOPES, Jorge (2020) - A presença Ordem de Santiago no território de Arruda dos Vinhos. Publicação digital, Centro Cultural do Morgado, N.º 33. Arruda dos Vinhos. 11p.



A LENDA DOS FORNOS DAS ANTAS

Conta o povo cá d'Arruda que, quando os mouros tomaram de assalto a vila de Arruda aos cristãos, as populações aqui residentes conseguiram salvar a Imagem da Virgem que veneravam na igreja desde o tempo dos Visigodos. Durante a noite, esconderam-na numa lapa, no Lugar das Antas, na esperança de que esta terra voltasse um dia a ser reconquistada pelos seguidores da Fé Cristã.

Conta-se que, durante os quatro séculos em que a Imagem ali esteve escondida, as pedras dos fornos se mantinham milagrosamente aquecidas durante 24 horas, cozendo ininterruptamente fornadas de pão, para maravilha e espanto das populações.

Quando D. Afonso Henriques reconquistou Arruda aos mouros, a vila foi repovoada por cruzados ingleses que o tinham ajudado na conquista de Lisboa de 1147. Nessa altura, o primeiro rei de Portugal mandou reedificar o templo cristão, deixado ao abandono pelos mouros. Ordenou ainda que a imagem de pedra da Virgem escondida na lapa das Antas regressasse para o seu altar e que a igreja fosse consagrada a Santa Maria de Arruda.

FONTE: <http://www.cm-arruda.pt/lendas-locais>.

TEATRO DE MARIONETAS “ANA LOIRA”

Este espetáculo é uma incursão ao tempo do séc. XIX.

A Ana Loira, uma personagem mística de Arruda, é uma contadora de histórias, geralmente com finais felizes. Da sua barriga abre-se um pequeno teatrinho de marionetas que ajuda a contar as histórias.

Sábado, dia 3 às 17h00

Domingo, dia 4 às 17h30

Jardim do Palácio do Morgado



VISITA GUIADA A ARRUDA OITOCENTISTA

Arruda dos Vinhos regressou ao século XIX!

Nos dias 3 e 4 de junho embarque nesta viagem no tempo e percorra a vila oitocentista.

A visita tem a duração de cerca 2 horas e inicia-se no Chafariz de 1789. Convidamos a visitar o Palácio e Capela do Morgado, edificados no século XVIII, e a Igreja Matriz onde será transportado para a vila de Arruda dos Vinhos oitocentista, onde os belíssimos pormenores arquitetónicos e os acervos azulejares, de pintura e escultura cativaram quem por cá passou.

Sábado, dia 3 de junho, às 16h30

Domingo, dia 4 de junho, às 16h30

Ponto de Encontro:

Junto ao Chafariz

Não tem necessidade de marcação prévia



A CASA DA SALOIA

A Saloia, a mal disposta.

Crialmina é o nome do personagem que nasceu no Vale Encantado quando em 2018 apareceu no Mercado Oitocentista para ver quem estava a fazer barulho...

O seu mau humor constante é-lhe bastante natural. Encanta-se com pequenas coisas. O que mais gosta é de dançar.

Passa o tempo na observação dos transeuntes. Tudo a enerva!

É uma caricatura dos tempos duros da vida dos saloios que desperta boa disposição a quem passa pelas ruas do Mercado, provocando situações curiosas e especialmente caricatas.

Uma mulher de pouca palavra e de cara fechada sabe-se lá bem o porquê, dá tanta alegria a outras caras. Como se costuma dizer, nem tudo o que parece, é.

Depois de alguns anos a criar momentos performativos no Mercado Oitocentista e a confundir o público com esta figura que se



misturava na multidão, criou-se uma empatia especial e única pelas gentes da Arruda dos Vinhos.

Este ano aparecerá num cenário que será a sua casa, em atuações de 30min, aquando a duração do Mercado. Dará vida a uma memória de outros tempos à semelhança da curta-metragem realizada para o Curt'Arruda, “Esperteza Saloia”, agradecendo de coração o carinho que o público arrudense tem pela personagem da Saloia.

Sexta, dia 2 de junho, às 22h30

Sábado, dia 3 de junho, às 16h30,

20h00 e 00h00

Domingo, dia 4 de junho, às 16h30 e 19h00

Casa da Saloia

Participação: Tânia Safaneta



REZA E MESINHAS, CURAS E TRADIÇÃO ORAL POPULAR DE ARRUDA DOS VINHOS

Na tradição oral arrudense existem benzeduras para tudo, ou quase tudo. São várias as rezas e rituais usados no nosso concelho, superstições e credências e benzeduras são utilizadas para curar doenças e afastar os males.

Por isso, caríssimo leitor, para quem acredita ou para quem deseja descobrir se os poderes místicos de Arruda funcionam, como já tem sido habitual, deixamos aqui algumas rezas, benzeduras, mesinhas da tradição oral de Arruda dos Vinhos:

BÊNÇÃO DO PÃO

(antes, durante e/ou depois)

Deve ser rezada 3 vezes. Faz-se uma cruz na massa, na boca do forno (com a pá), ou depois de cozido, dizendo antes da reza: Em nome do Pai do Filho e do Espírito Santo.

(antes de ir ao forno)

São Vicente te acrescente,

São José te ponha fé,

São João te faça pão.

Em honra de Deus e da Virgem Maria

Um pai-nosso e uma ave-maria.

(já no forno)

Deus te acrescente,

Para mim e para a minha gente.

(depois do forno)

São Vicente te acrescente,

São Mamede te levede,

São João te faça pão.

PARA QUANDO LAVAMOS A CARA

A cara vou lavar

Para o demónio não me tentar

E a minha alma salvar.

PARA QUANDO PASSAMOS PELO CEMITÉRIO

Faz-se o sinal da cruz:

Dá-lhe, Senhor,

O eterno descanso,

Entre o esplendor
De luz perpétua.
Descansem em paz.
Amém

PARA QUANDO AVISTAMOS UMA IGREJA

Deus te salve
Casa santa
Onde Cristo fez morada,
Onde está o cálice bento
E a hóstia consagrada

PARA DEPOIS DO CASAMENTO NA IGREJA

A noiva deve sussurrar esta reza ao sair da igreja, para ser feliz:

Com o leite da Virgem serei borrifada,
Com o sangue de Cristo eu fui batizada,
Na arca de Noé serei arrecadada,
Com as chaves de São Pedro serei aferrolhada.

Se meus inimigos vierem, não me prenderão,

Terão olhos e não me verão,
Terão ouvidos e não me ouvirão,
Terão boca e não falarão,
Terão pernas e não correrão.

Com as armas de São José estarei armada,
Com a espada de São Tiago estarei guardada.

FONTE: Guia Prático da Bruxa D'Arruda, CMAV, 2016.



MOSTRA DE ARTES E OFÍCIOS

JUNCO / CESTARIA
OLARIA / FERRARIA
MÁQUINA DO TEMPO

Dias 2, 3 e 4 de junho no Adro da Igreja de N.ª Sr.ª da Salvação, durante o horário do Mercado.



TEATRO DE MARIONETAS “NAPOLEÃO”

Este espetáculo é uma incursão ao tempo do séc. XIX.

Sábado, dia 3 e 4 de junho às 16h00

Jardim do Palácio do Morgado



CARROSSEL

É p'ro menino e p'ra a menina! Durante o horário do Mercado

Dias 2 a 4 de junho

Junto ao Chafariz



2 DE JUNHO

(sexta-feira)

20H00 – SESSÃO DE ABERTURA

O Presidente da Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos dá início ao VIII Mercado Oitocentista de Arruda dos Vinhos, seguindo-se visita/desfile pelo mercado. *Largo do Chafariz (nas Bicas do Chafariz)*, ao som dos Gaiteiros

21H00 - A CONTA QUE DEUS FEZ

Animação Teatral
Largo da Igreja
PARTICIPAÇÃO: João Tarrafa

21H30 - CONTOS NO MORGADO

Sala Jardim
PARTICIPAÇÃO: Biblioteca Municipal Irene Lisboa

22H00 - BAILE DE BOAS-VINDAS AOS FORASTEIROS

Largo do Chafariz
PARTICIPAÇÃO: Rancho Folclórico Podas e Vindimas

22H30 - A CASA DA SALOIA

Animação Teatral
Adro da Igreja
PARTICIPAÇÃO: Tânia Safaneta

23H00 - QUADRO VIVO I

Pátio do Morgado (anfiteatro)
PARTICIPAÇÃO: Cabeças no ar, pés na terra

01H00 - ENCERRAMENTO DO MERCADO



3 DE JUNHO

(sábado)

15H00 - ILUSÕES ABSTRATAS (TEARES IMPROVÁVEIS)

Capela do Morgado
PARTICIPAÇÃO: Recreate

16H00 - ABERTURA DO MERCADO

16H00 - TEATRO DE MARIONETAS “NAPOLEÃO”

Jardim do Morgado (Palco 1)
PARTICIPAÇÃO: Cabeças no ar, pés na terra

16H30 - VISITA GUIADA A ARRUDA OITOCENTISTA

Vila de Arruda
PARTICIPAÇÃO: Setor Turismo CMAV

16H30 - A CASA DA SALOIA

Animação Teatral
Adro da Igreja
PARTICIPAÇÃO: Tânia Safaneta

17H00 - TEATRO DE MARIONETAS “ANA LOIRA”

Jardim do Morgado (Palco 2)
PARTICIPAÇÃO: Cabeças no ar, pés na terra

17H30 - TOURO FUGIDO

Largo do Chafariz e Rua Cândido dos Reis
PARTICIPAÇÃO: Grupo Cénico do CRDA

PROGRAMA

18H00 - TEATRO DE MARIONETAS “O GIGANTE”

Pátio do Morgado (Palco 3)
PARTICIPAÇÃO: Cabeças no ar, pés na terra

19H00 - CONTOS NO MORGADO

Sala Jardim
PARTICIPAÇÃO: Biblioteca Municipal Irene Lisboa

20H00 - A CASA DA SALOIA

Animação Teatral
Adro da Igreja
PARTICIPAÇÃO: Tânia Safaneta

21H00 - VELHA RAPOSA

Animação Musical
Escadaria da Câmara Municipal
PARTICIPAÇÃO: Tiago Morais, Rúben Monteiro e Ricardo Brito

22H00 - QUADRO VIVO II

Pátio do Morgado (anfiteatro)
PARTICIPAÇÃO: Cabeças no ar, pés na terra

22H30 - CONCERTO COM TOCÁNDAR

Chafariz
PARTICIPAÇÃO: Tocáandar

23H30 – LADAINHA DA BRUXA E DISTRIBUIÇÃO DA ENCHARCADA

Recinto do Mercado e Chafariz
PARTICIPAÇÃO: Grupo Cénico CRDA

00H00 - A CASA DA SALOIA

Animação Teatral
Adro da Igreja
PARTICIPAÇÃO: Tânia Safaneta

01H00 - ENCERRAMENTO DO MERCADO



4 DE JUNHO

(domingo)

16H00 - ABERTURA DO MERCADO

16H00 - TEATRO DE MARIONETAS “NAPOLEÃO”

Jardim do Morgado (Palco 1)
PARTICIPAÇÃO: Cabeças no ar, pés na terra

16H30 - VISITA GUIADA A ARRUDA OITOCENTISTA

Vila de Arruda
PARTICIPAÇÃO: Setor Turismo CMAV

16H30 - A CASA DA SALOIA

Animação Teatral
Adro da Igreja
PARTICIPAÇÃO: Tânia Safaneta

17H00 - CONTOS NO MORGADO

Sala Jardim
PARTICIPAÇÃO: Biblioteca Municipal Irene Lisboa

17H30 - TEATRO DE MARIONETAS “ANA LOIRA”

Jardim do Morgado (Palco 2)
PARTICIPAÇÃO: Cabeças no ar, pés na terra

18H00 - TOURO FUGIDO

Largo do Chafariz e Rua Cândido dos Reis
PARTICIPAÇÃO: Grupo Cénico do CRDA

18H30 - TEATRO DE MARIONETAS “O GIGANTE”

Pátio do Morgado (Palco 3)
PARTICIPAÇÃO: Cabeças no ar, pés na terra

19H00 - A CASA DA SALOIA

Animação Teatral
Adro da Igreja
PARTICIPAÇÃO: Tânia Safaneta

22H00 - ENCERRAMENTO DO MERCADO



ANIMAÇÕES PERMANENTES

CARROSSEL ARTESANAL

2, 3 e 4 | Horário do Mercado
Largo do Chafariz
PARTICIPAÇÃO: St. Moura

EXPOSIÇÃO “RETRATOS DA VIDA QUOTIDIANA”

2, 3 e 4 | Horário do Mercado
Átrio da Biblioteca Municipal Irene Lisboa
PARTICIPAÇÃO: Associações, Escolas, IPSS e Lares de Idosos

TRUPE DO CAVALO DE PAU

Animação Teatral
2, 3 e 4 | Horário do Mercado
Recinto do Mercado
PARTICIPAÇÃO: Saga Storica

GAITEIROS DUM TRAGO

Animação Musical
2, 3 e 4 | Horário do Mercado
Recinto do Mercado

A SALOIA

2, 3 e 4 | Horário do Mercado
Recinto do Mercado
PARTICIPAÇÃO: Safaneta

PRAÇA DOS ARTÍFICES E MÁQUINA DO TEMPO

2, 3 e 4 | Horário do mercado
Adro da Igreja
PARTICIPAÇÃO: Edite Maurício – Junco; Armando Inácio – Cesteiro; Filipe Bragança – Ferreiro; Cláudia Pernes – Oleiro; Mário Lopes e José Mateus

ANIMAIS DA QUINTA

2, 3 e 4 | Horário do Mercado
Adro da Igreja

CONTOS, LENDAS E NOTÍCIAS DE ÉPOCA

3 e 4 | Tarde
Recinto do Mercado
PARTICIPAÇÃO: Grupo Cénico do CRDA

AS LAVADEIRAS

3 e 4 | Tarde
Chafariz
PARTICIPAÇÃO: Grupo Cénico do CRDA

Álbum do Mercado Oitocentista



AMBIGROUP: UMA HISTÓRIA DE CRESCIMENTO E INOVAÇÃO AO LONGO DE 40 ANOS

A Ambigroup, celebra este ano o seu 40º aniversário com uma notável trajetória de sucesso e expansão. Ao longo destas quatro décadas, o grupo criou diversas empresas com o objetivo de atender às necessidades em constante evolução do mercado nos setores de Demolições e Desmantelamento, Gestão de Resíduos e Reciclagem .

A história da Ambigroup começou em 1983, com a fundação da primeira empresa. Desde então, a organização tem prosperado e diversificado as suas atividades. No entanto, foi em janeiro de 2004 que a holding AMBIGROUP SGPS, S.A. surgiu com o objetivo de consolidar as diversas empresas e atividades do grupo sob uma única estrutura organizacional.

Em 2015, a Ambigroup passou por um processo de rebranding, uma iniciativa que fortaleceu a sua imagem, posicionamento e reconhecimento junto do público. Este movimento estratégico permitiu uma uniformização das empresas do grupo, contribuindo para a manutenção de uma posição altamente competitiva no mercado.

A Ambigroup destaca-se por desenvolver atividades tendo por base a Economia Circular, procurando reduzir, reutilizar, recuperar e reciclar resíduos e materiais. O objetivo enquanto grupo é aumentar a vida útil desses materiais, contribuindo para um futuro mais sustentável.

Os princípios da Economia Circular em todas as áreas de negócio são uma prioridade, assim como a importância de manter o equilíbrio entre o crescimento das empresas e o consumo de recursos naturais. Através disso a Ambigroup procura perpetuar um modelo organizacional que valorize a sustentabilidade e promova a eficiência económica.

